



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA**

EDILENE RODRIGUES DE LIMA

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO
DE FUTUROS LEITORES**

**GUARABIRA – PB
2019**

EDILENE RODRIGUES DE LIMA

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO
DE FUTUROS LEITORES**

Monografia, apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Centro de Humanidades, em cumprimento as exigências para à obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente

Orientadora: Profa. Ma. Márcia Gomes dos Santos Silva

**GUARABIRA – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732a Lima, Edilene Rodrigues de.
A arte de contar histórias na educação infantil e a formação de futuros leitores [manuscrito] / Edilene Rodrigues de Lima. - 2019.
40 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Márcia Gomes dos Santos Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Literatura Infantil. 2. Contação de Histórias. 3. Formação de Leitores. I. Título
21. ed. CDD 372.24

EDILENE RODRIGUES DE LIMA

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO
DE FUTUROS LEITORES**

Monografia, apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Centro de Humanidades, em cumprimento as exigências para à obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente

Aprovada em: 06 de Novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Márcia Gomes dos Santos Silva
Prof. Ma. Márcia Gomes dos Santos Silva – UEPB
Orientadora

Débora Regina Fernandes Benício
Profa. Ma. Débora Regina Fernandes Benício – UEPB
1ª Examinadora

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Profa. Ma. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira – UEPB
2ª Examinadora

**GUARABIRA – PB
2019**

Dedico este trabalho, a minha família, em especial a minha mãe, a Sra. Geralda Venâncio e [*in memoria*] ao meu pai, o Sr. José Jones Rodrigues, minhas maiores inspirações. E ao meu esposo Roberval Lima, por todo apoio, incentivo e por sempre acreditarem e tornarem possível a realização dos meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida, por nunca me desamparar e pelas pessoas que Ele colocou em meu caminho. Algumas delas me inspiram, me ajudam, me desafiam e me encorajam a ser cada dia melhor. Sou grata por todas as coisas boas e más que me aconteceram, cada uma delas, ao seu modo, possibilitou chegar aonde cheguei e me tornar quem eu sou.

A minha Família, agradeço por todas as orações, palavras de otimismo e por toda compreensão ao longo de minhas ausências nas reuniões familiares. Em especial a minha mãe, a Sra. Geralda Venâncio e [*in memoria*] ao meu pai, o Sr. José Jones Rodrigues, minhas maiores inspirações. As minhas irmãs: Eliene Rodrigues, Esmeraldina Rodrigues, Ednalva Rodrigues, Elizangela Rodrigues e aos meus sobrinhos: Wesley Rodrigues, Eudes Rodrigues, Gabrielle Souza, Carol Rodrigues, Ciely Rodrigues, Patrícia Rodrigues, entre outros, serei eternamente grata a Deus por ter o privilegio de tê-los presente em minha vida.

Agradeço ao meu esposo Roberval Lima, por toda a parceria com que me acompanhou em toda essa longa jornada. Sou muito grata por todas as noites que me esperou acordado para ouvir, atento, as novidades que a faculdade proporcionava, enfim, muito obrigada por tudo meu amor!

A todos os meus companheiros do curso de Pedagogia (*turma 2014.2 “noite”*), em especial, a Christian Eduardo, por sua disponibilidade em aceitar ler minhas escritas, e por todas as dicas e sugestões durante a elaboração desse trabalho, além de todo o incentivo, apoio, palavras motivacionais a mim destinadas, por sempre acreditar em minha capacidade, e por toda parceria nas produções acadêmicas, pois sem sua ajuda, certamente, eu teria muito mais dificuldades. A Gilvaneide Laurentino, Flaviane Cardoso, Renata Silva, Alicia Oliveira, Mayara Ferreira e Gilvania Oliveira (minha equipe de trabalhos), pela amizade, cuidado, incentivo e orações a mim ofertadas. Peço a Deus que continue abençoando a todos vocês grandemente mais e mais, além de preencher o caminho de vocês com muita luz, paz, axé e bênçãos.

A todos os docentes que tive ao longo do curso de Pedagogia da UEPB – Campus III – Centro de Humanidades, pela convivência harmoniosa, pelas partilhas de conhecimento e pelas experiências que foram tão importantes na minha vida acadêmica, profissional e pessoal.

Agradeço a minha orientadora Profa. Ms. Márcia Gomes, por toda atenção, dedicação e paciência, e por aceitar orientar-me neste trabalho, indicando caminhos e ensinando a segui-los.

Por fim, agradeço de coração a todos os que aqui foram mencionados e os que não, infelizmente não dá pra falar de todos em particular, no entanto, todos foram importantes para meu percurso.

[...] É através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc., sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

Fanny Abramovich, 1997, p. 19

RESUMO

A contação de histórias é essencial para que as crianças possam apropriar-se de um imaginário social, enriquecer seu vocabulário, e aprimorar suas formas de interpretação e comunicação. De modo que, quando mais cedo as crianças tiverem contato com a literatura, e o hábito da leitura de livros passarem a ser algo constante em seu cotidiano, possibilitará que as crianças despertem o prazer pela leitura. Assim, com nossa pesquisa objetivamos refletir sobre as contribuições da arte de contar histórias para a formação de futuros leitores na Educação Infantil. Partindo dessa linha de raciocínio, para a realização de nossa pesquisa bibliográfica, utilizamos em nosso aporte teórico, os seguintes autores: Fanny Abramovich (1997), Marly Amarilha (1997), Regina Zilberman (1998), Nelly Novaes Coelho (2000), Bruno Bettelheim (2002), entre outros, além do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), visando promover uma maior reflexão acerca da temática a qual está sendo proposta. Os resultados de nossa pesquisa apresentam que a contação de histórias é um recurso necessário e imprescindível para o processo de desenvolvimento da criança, auxiliando-a na formação humana e, por isso deve ser valorizada e desenvolvida no meio escolar a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a memória, a expressividade, o gosto pela leitura, além de contribuir no processo de aprendizagem e socialização da criança.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Contação de Histórias. Formação de Leitores.

ABSTRACT

Storytelling is essential for children to take ownership of a social imaginary, enrich their vocabulary, and improve their ways of interpreting and communicating. Thus, when children have early contact with literature, and the habit of reading books becomes constant in their daily lives, it will enable children to arouse the pleasure of reading. Thus, our research aims to reflect on the contributions of the art of storytelling to the formation of future readers in early childhood education. Starting from this line of reasoning, for the accomplishment of our bibliographical research, we used in our theoretical support, the following authors: Fanny Abramovich (1997), Marly Amarilha (1997), Regina Zilberman (1998), Nelly Novaes Coelho (2000), Bruno Bettelheim (2002), among others, in addition to the National Curriculum Reference for Early Childhood Education (1998), aiming to promote a greater reflection on the theme that is being proposed. The results of our research show that storytelling is a necessary and indispensable resource for the development process of children, helping them in human formation and, therefore, should be valued and developed in the school environment in order to enhance imagination, language, memory, expressiveness, taste for reading, besides contributing to the learning and socialization process of the child.

Keywords: Children's Literature. Storytelling. Reader Training.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1	Breve contextualização da origem da Literatura Infantil no Brasil	15
2.2	Era uma vez... A arte de contar histórias	19
2.3	A importância de ouvir contar histórias na Educação Infantil	24
2.4	A importância da literatura para os estágios psicológicos da criança	27
3	METODOLOGIA	32
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, a educação vem preocupando-se em contribuir de forma significativa para a formação de um indivíduo crítico, responsável e que consiga atuar na sociedade. Isso porque vivemos em uma sociedade onde as trocas sociais acontecem rapidamente, seja através da leitura, da escrita, da linguagem oral e/ou visual.

Sendo assim, a Educação Infantil é a fase ideal para a formação do interesse pela leitura, pois nesta fase são formados os hábitos da criança. Isto é, as escolas de Educação Infantil são um local onde as crianças passam a interagirem socialmente, recebendo assim as influências socioculturais para o desenvolvimento de sua aprendizagem.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil – RCNEI (1998),

[...] É na interação social que as crianças são inseridas na linguagem, partilhando significados e sendo significadas pelo outro. Cada língua carrega, em sua estrutura, um jeito próprio de ver e compreender o mundo, o qual se relaciona a características de culturas e grupos sociais singulares. Ao aprender a língua materna, a criança toma contato com esses conteúdos e concepções, construindo um sentido de pertinência social. (BRASIL, 1998, p. 24).

Desta forma, o desenvolvimento da competência da oralidade é de suma importância para a Educação Infantil, uma vez que passa a enriquecer a comunicação e a expressão, pelo fato das crianças estarem fazendo a utilização da linguagem a todo o momento, e esta contribui para a interação social.

Nessa perspectiva, o papel do docente é de assumir um compromisso com a literatura infantil, criando assim, o hábito de contar histórias, de modo que venha a despertar a curiosidade das crianças para que elas possam criar suas hipóteses com relação à história que esta sendo contada.

Isto é, a leitura é um grande estímulo para que a criança consiga desenvolver sua capacidade crítica de interpretação e interação social, favorecendo assim, que elas tenham um contato com o mundo imaginário. Ou seja, é nesta fase que todos os hábitos se formam, por isso a importância de formar leitores desde pequenos.

De acordo com o professor, psicólogo e escritor Bruno Bettelheim (2002),

[...] Qualquer que seja nossa idade, apenas uma estória que esteja conforme aos princípios subjacentes a nossos processos de pensamento nos convence. Se é assim com os adultos, que aprenderam a aceitar que há mais de um esquema de referências para compreender o mundo- embora achemos difícil senão impossível pensar

verdadeiramente segundo outro que não o nosso-é exclusivamente verdadeiro para a criança. Seu pensamento é animista. [...] (BETTELHEIM, 2002, p. 59).

Assim, através das histórias infantis é possível adentrarmos em um mundo imaginário, o qual as crianças sentem medo, se consolam, além de conseguirem relacionar o real com o imaginário, despertando assim sua curiosidade, uma vez que acreditam nas histórias porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a faixa etária delas.

É de grande importância que o desenvolvimento do hábito pela leitura, também seja incentivado em casa por seus pais e/ou responsáveis. Desde o berço, a criança escuta a mãe cantando e balançando, ou contando histórias antigas. Com isso a criança aprende a gostar do livro pelo afeto, sendo por meio deste que a criança aprende e desenvolve.

Logo, a literatura infantil é um caminho ao qual possibilita que a criança venha a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. Ou seja, é de suma importância para a formação de qualquer criança ouvir muitas e muitas histórias, uma vez que é através dos livros e dos contos infantis que a criança passará a compreender a importância de ouvir, contar e recontar histórias.

De acordo com a professora e escritora Fanny Abramovich (1997), “[...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...]” (ABRAMOVICH, 1997, p. 14). Ou seja, é essencial que o professor desde a Educação Infantil comece a incentivar e instigar seus alunos a desenvolverem o hábito da leitura desde a infância, visto que esta é a idade em que todos os hábitos se formam, logo, tornar-se indispensável para o processo de formação de futuros leitores.

Nessa perspectiva, a literatura infantil é uma das peças fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças, ressaltamos ainda que cada criança é um ser particular, isto é, cada uma possui suas dificuldades e limitações. Assim, a literatura exerce um dos papéis que são essenciais para o processo de ensino e aprendizagem dessas crianças, uma vez que, é através da literatura que a criança vivencia o universo do imaginário e traz os aprendizados para a sua vida.

Nesse sentido, Bettelheim (2002) ressalta que,

[...] É característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite a criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente, e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos [...]. (BETTELHEIM, 2002, p. 15).

Assim, a criança quando tem contato com a literatura desde cedo, através da contação de histórias, inúmeros são os benefícios que esse contato proporcionará os mais diversos sentimentos na criança como fantasia, medo, alegria e tristeza. Logo, é de suma importância inserir a contação de histórias na Educação Infantil, pois é onde se inicia o caminho para a leitura. No entanto, ressaltamos que educar é uma tarefa que exige muita responsabilidade, neste sentido é essencial que o professor da Educação Infantil tenha uma boa formação, para que assim consiga desenvolver e estimular o hábito de ler nas crianças.

Portanto, o desejo para a realização desse estudo surgiu a partir da experiência e vivência no componente curricular obrigatório de Estágio Supervisionado I (Educação Infantil), ao qual me possibilitou ter a oportunidade de contar algumas histórias para os alunos da turma na qual estagiei, como também na oficina: *A arte de contar histórias através da Literatura Infantil e Infanto-juvenil*¹, que me permitiu conhecer mais sobre a contação de história, além de ter a oportunidade de ampliar meus conhecimentos sobre essa arte tão encantadora.

A partir de então, notei que a arte de contar histórias poderá ser um suporte pedagógico muito rico e até mesmo imprescindível para auxiliar no processo de desenvolvimento cognitivo, psíquico e linguístico das crianças, processos estes os quais são fundamentais para à formação do ser humano. Todos esses aspectos despertaram uma imensa vontade de saber mais a respeito da temática.

Seguindo essa linha de raciocínio, através de nossa monografia objetivamos refletir sobre as contribuições da arte de contar histórias para a formação de futuros leitores na Educação Infantil. Assim, surge a problematização: qual é a contribuição da arte de contar histórias para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil nos âmbitos social, emocional e cognitivo?

Ressaltamos ainda que é por meio das histórias infantis, que as crianças têm a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer sua própria experiência de vida. Ou seja, para as crianças ouvir uma história significa adentrar em um universo desconhecido, o qual está repleto de surpresas, quase sempre muito interessante, que diverte trazendo ensinamentos.

Dessa forma, justificamos a temática de nossa pesquisa, partindo do princípio da importância de conhecer quais são as contribuições dessa arte para o desenvolvimento infantil

¹ Oficina realizada nos dias 25 a 27 de março de 2019 na VII Semana de Humanidade: Subjetividades, sociedades e mídias tecnológicas da UEPB – Campus III – Centro de Humanidades, ministrada pelos professores: Christian Eduardo, Débora Regina, Cláudia Daniela, Ewerton Marinho e Patrícia Gonçalves.

nos três âmbitos já citados anteriormente. Outro aspecto relevante nesse estudo é perceber a necessidade de cada aluno tem de ouvir histórias, assim como, relacionar os mesmos trazendo-os para o seu cotidiano, ou seja, perpassando a história contada e relacionando-a com sua vida e/ou meio social.

Assim, esta é a fase do desenvolvimento infantil que as crianças estão mais propícias a desenvolverem a imaginação, o pensamento, a criatividade, a capacidade linguística e comunicativa delas, uma vez que as mesmas estão dispostas e curiosas em torno de uma história que dialogue com o mundo real e ao mesmo tempo com o imaginário, ilusório e lúdico.

Desta forma, para a execução desta pesquisa bibliográfica, decidimos dividir nossa pesquisa da seguinte forma:

- a) Fundamentação Teórica;
- b) Metodologia;
- c) Resultados e Discussões;
- d) Considerações Finais;
- e) Referências.

Diante da realização da breve discussão sobre a arte de contar histórias e suas contribuições para a formação de futuros leitores, almejamos que nossa pesquisa possa dar uma singela contribuição no tocante da temática, como também, instigar futuras pesquisas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Breve contextualização da origem da Literatura Infantil no Brasil

A história da Literatura Infantil no Brasil, de acordo com Nelly Novaes Coelho (2000) tem início a partir do século XVIII, que é quando a criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura e passa então a ser considerada como um ser diferenciado do adulto com necessidades de uma educação específica as quais as preparassem para a vida adulta.

A escritora Coelho (2000), ainda ressalta que foi a partir de então, que no século XVIII, deu-se início a confecção dos primeiros livros direcionados ao público infantil surgiram. Desta forma, houve então o surgimento dos autores como La Fontaine e Charles Perrault, os quais escreviam suas obras principalmente sobre os contos de fadas. E posteriormente, a literatura infantil começou a ocupar o seu devido espaço, como também, passou a demonstrar assim sua relevância e importância.

De acordo com a Profa. Dra. Sueli de Souza Cagneti (1996),

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização (CAGNETI, 1996, p. 7).

Desta forma, para Cademartori (1986), a literatura infantil, como seu adjetivo determina, é a literatura destinada exclusivamente para o público infantil, sendo assim, a literatura em questão tem como objetivo principal oferecer as crianças, através do fictício e da fantasia, padrões que os possibilitem interpretar o mundo e conseqüentemente desenvolver os seus próprios conceitos.

De acordo com a escritora Coelho (2000) a literatura pode ser definida a partir das seguintes finalidades,

Sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso (COELHO, 2000, p. 68).

Sendo assim, compreendemos que existem diferentes tipos e/ou gêneros de literatura infantil. Alguns desses tipos e/ou gêneros passam a serem classificados com base nas preferências que a criança tem como também, existem outros os quais são classificados

tomando por base a idade ao qual são recomendados e/ou nas habilidades de leitura requerida para determinadas obras.

Sendo assim, podemos citar alguns dos exemplos os quais são os mais conhecidos: livros de figurinhas, ficção fantasiosa, ficção realista e a literatura tradicional. Ou seja, os livros de figurinhas são destinados exclusivamente para as crianças que estão iniciando o processo de aquisição da linguagem. Já os livros de ficção fantasiosa são aqueles que foram escritos baseados em fatos irreais e/ou fantasiosos.

E os de ficções realista como o próprio nome se supõe, os personagens dessa história são realistas, ou seja, isso quer dizer que a história segue um caminho que poderia acontecer em nosso cotidiano. Por fim, e não menos importante, temos a Literatura tradicional, que é a terminologia as quais são intituladas quaisquer histórias as quais originaram-se oralmente e posteriormente foram transcritas. Desta forma, os contos de fada, contos folclóricos, mitos, lendas, epopéias e fábulas passam a ser incluídos e considerados como Literatura tradicional.

Desse modo, independentemente de ser algo essencial para o desenvolvimento cognitivo de uma criança, no entanto, a literatura infantil infelizmente ainda é algo relativamente novo. Como já foi exposto, originou-se por volta do século XVIII, e antes disto não existia uma literatura direcionada ao público infantil, desse modo a criança passava a acompanhar a vida social do adulto, participando assim também de sua literatura.

Durante esse período, antes da concepção de infância, a criança era vista apenas como um adulto em miniatura e/ou pequena estatura, sem nenhuma condição especial. Sendo assim, não existia nenhuma preocupação específica com relação à sua aprendizagem e ao seu desenvolvimento daquelas crianças.

Porém, a partir do momento em que houve o fortalecimento da burguesia essas concepções tiveram que ser modificadas e conseqüentemente passaram a serem redefinidas, a partir de então ocorre à consciência onde a criança (adulto em miniatura) passa a ser considerada oficialmente como um ser diferente do adulto, o qual possui necessidades próprias e características pessoais.

Ao tomarmos por base nos relatos realizados por Cademartori (1986), “[...] a criança, na época, era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação [...]” (CADEMARTORI, 1986, p. 38-39).

Desta forma, para Coelho (2000) a literatura infantil tem sua origem de fato na França, especificamente na segunda metade do século XVIII, durante a monarquia absoluta de Luís XIV, é que evidencia abertamente à preocupação existente para que houvesse uma literatura

para as crianças e jovens. Logo, podemos assim considerar a França como o berço da literatura infantil.

A literatura infantil surgiu com o padre, teólogo, poeta e escritor francês François Fenélon (1651-1715), justamente com a função de educar moralmente as crianças. Ou seja, as narrativas de Fenélon tinham uma estrutura maniqueísta², a fim de demarcar claramente que o “bem” deveria ser estudado e o “mal” era pra ser desprezado.

A escritora Maria Antonieta Antunes Cunha (1999) ressalta que,

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passar a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. (CUNHA, 1999, p. 22)

Desta forma, naquela época existiam duas realidades bem distintas, as quais eram: a criança da nobreza, a qual era orientada por preceptores, estas crianças por sua vez, geralmente liam os grandes clássicos literários, enquanto que as crianças das classes desprivilegiadas liam e/ou ouviam as histórias de cavalaria, de aventuras, etc.

Sendo assim, segundo a pesquisadora, escritora, ensaísta e professora brasileira Regina Zilberman (1988), verificamos que a constituição da literatura infantil aconteceu em meio a um novo modelo de família que estava a se constituir. Ainda para a autora,

A concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 1988, p. 13).

Deste modo, a Literatura Infantil permanece até hoje, e é reconhecida como algo que é essencial para a formação de uma criança, em meio ao atual conceito de infância, além de existir uma grande necessidade que as crianças estejam em constante contato com as obras literárias devido aos seus inúmeros benefícios que trará a vida das crianças.

No ano de 1908, ocorre à chegada da Literatura Infantil no Brasil, após a implantação da Imprensa Régia, especificamente após a chegada de D. João VI ao país. Nessa época as obras eram apenas as traduções das obras de Portugal. Alberto Figueiredo Pimentel foi uns

² Doutrina religiosa propagada por Maniqueu (Mani ou Manes) que, na Pérsia, durante o século III, concebia o mundo como uma fusão dualista do espírito e da matéria, respectivamente do bem (luz) e do mal (trevas). Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/maniqueismo/>>. Acesso em 01 set 2019.

dos primeiros autores da época a fazer adaptações que ficaram conhecidas pela inserção dos contos europeus no Brasil.

O autor publica traduções dos contos de Perrault, dos irmãos Grimm e de Andersen, em obras como Contos da carochinha, Histórias da avozinha, Histórias da baratinha. De acordo com Cadermatori (1986), a Literatura Infantil como produção própria de um brasileiro ocorreu por volta de 1922, por Monteiro Lobato. Considerando que as obras adaptadas eram de origem europeia, o primeiro registro de literatura infantil brasileira dá-se pelas mãos de Monteiro Lobato, em 1920, com a obra A menina do narizinho arrebitado.

Lobato não gostava muito das traduções europeias e era um nacionalista ferrenho, partindo destas características próprias Lobato desenvolvia suas aventuras infantis com características típicas brasileiras, integrando costumes do campo e lendas do nosso folclore. Temos como o próprio exemplo, o sítio do Picapau Amarelo, pois destaca bem características da vida rural e da cultura brasileira, assim como também é caracterizado por fortes ligações sociais da época.

Em suas obras Lobato manifesta com seu olhar crítico e transparente a realidade do nosso país em relação aos problemas sociais da época. As principais e mais conhecidas são: A menina do narizinho arrebitado, Reinações de Narizinho, Fábulas de Narizinho, Emília no país da gramática, Memórias de Emília, Jeca Tatuzinho, entre tantas outras.

Lobato revoluciona com a realidade da literatura infantil apresentada nessa época, ele procura superar preconceitos históricos, ignorar o moralismo e preceitos religiosos, algo que era tão presentes nas obras que eram destinadas aos pequenos. Ainda para Cadermatori (1986),

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista (CADEMARTORI, 1986, p. 51).

Ruth Rocha também é uma grande referência, com obras de grande sucesso, como O que os olhos não veem. O reizinho mandão, O rei que não sabia de nada. Ziraldo também enquadra-se nessa lista, com suas varias obras, das quais podemos citar O menino Maluquinho, O menino mais bonito do mundo, A bela borboleta, entre outros.

Percebe-se claramente que a literatura infantil brasileira é completa, temos autores que tratam magnificamente suas obras, enriquecendo a cultura brasileira e tornando-a ainda mais

maravilhosa. Assim, a literatura brasileira é vasta, diversificada e rica em conhecimentos, oferecendo a nossos pequenos leitores abundantes informações e obras magníficas.

2.2 Era uma vez... A arte de contar histórias

A arte de contar histórias é uma das práticas mais remotas que se tem registro na história da humanidade. O ser humano pratica a contação de histórias desde o início do desenvolvimento das habilidades de comunicação e da fala. Elas promoviam, e ainda hoje promove momentos de união, confraternização, partilha de experiências, além de contribuir para passar o tempo e superar o tédio do dia a dia.

Desta forma, através das histórias, é possível despertarmos nas crianças a imaginação, as emoções, o interesse e suas expectativas por meio da história que estará sendo contada. Sendo assim, o simples ato de ouvir uma história e/ou contá-la e recontá-la é uma das formas de preservarmos as culturas, valores e compartilhar o conhecimento de uma determinada comunidade.

Sendo assim, o simples ato de contar e/ou até mesmo recontar histórias é uma das ações que vem ocupando a mente humana há muitos e muitos anos. Pessoas dos mais diversos lugares do mundo contam e recontam inúmeras histórias para se descontraírem, transmitirem conhecimento de determinada etnia ou povo. Até mesmo antes da invenção da escrita pela humanidade, já se contavam histórias.

Sabemos que as histórias foram passadas de geração em geração e hoje são lembradas em livros, filmes na televisão e até mesmo nos jogos. Mesmo com toda a tecnologia, a tradição do conto oral ainda se mantém. Para Shirlei Milene Torres e Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (2008),

[...] o termo 'Contação de histórias' não existe gramaticalmente. O termo é uma expressão relativamente recente, livremente traduzida e adaptada de países de língua castelhana "cuentacuentos", que pode significar tanto o ato de se contar histórias, quanto o próprio contador." Na língua inglesa, temos o termo "Storytelling" que é o ato, ou capacidade de se narrar um fato, ou história, de improviso, ou planejadamente, usando diversos tipos de recursos, ou um apenas. Os termos que se encontram fora do uso oficial da língua, mesmo que nela não encontrem referência nos dicionários e acordos ortográficos, sim, fazem parte da nossa língua, desde que não seja um erro ortográfico, ou de construção verbal (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 5).

Sendo assim, as primeiras produções literárias para o público infantil foram realizadas pelos profissionais da educação no fim do século XVII, e durante todo o século XVIII. Desta

forma, Coelho (2000) afirma que, “[...] estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la [...]” (COELHO, 2000, p. 31).

Ou seja, desde a pré-história até os dias atuais, existe uma grande necessidade de se descobrir o sentido da vida, buscando assim, as interpretações para as inquietações, e transmitindo os conhecimentos dos antepassados para as novas gerações, e conseqüentemente este fator impulsiona a necessidade de ouvir, contar e recontar histórias.

Ainda para Coelho (2000), o simples ato de contar e/ou até mesmo recontar histórias, acontece muito antes da invenção da escrita, uma vez que, era a forma mais eficaz e até mesmo essencial de transmitir ou repassar uma informação adiante. No entanto, tudo o que uma cultura precisava para conseguir preservar, suas crenças, história e tradições necessitava ser passado oralmente, ato este conhecido como a tradição oral.

Em algumas culturas apenas os contadores podiam usar essa metodologia para contar e/ou repassar as tradições e crenças oralmente. Sendo assim, os bons contadores de histórias, necessitavam ter ótima memória, além de terem que utilizar estratégias interessantes no ato de contação de suas histórias, para que assim as pessoas nunca pudessem esquece-las.

Inúmeras vezes, essas histórias passavam a serem contadas de forma ritmada, pois assim tornavam-se mais fáceis de serem lembradas (memorizadas). Segundo os autores Robert Scholes e Robert Kellogg (1977),

Enquanto um homem tem a capacidade de criar uma nova habilidade, outro a tem para julgar se ela será bênção ou maldição para seus usuários. Você não inventou um medicamento para fortalecer a memória, mas um substituto inferior para ela. Você está proporcionando aos seus alunos uma maneira de parecerem sábios sem verdadeira sabedoria (SCHOLES; KELLOGG, 1977, p. 12).

Podemos então, afirmar, a partir do pensamento de Scholes e Kellogg (1977), que não existe uma sociedade que não apresente a necessidade de fabular, de inventar-se e/ou de construir seus mitos, como também seu imaginário. Toda e qualquer civilização que existiu contou.

A nossa sociedade é mecanicizada, e a contação de histórias nos leva a refletirmos sobre as qualidades e as morais que já não são e/ou não estão muito presentes em nosso cotidiano. Porém, até hoje são valorizados os conhecimentos que são transmitidos pela oralidade em que se redescobre o significado das experiências coletivas.

Nesse sentido, a jornalista, pintora, poeta e professora e escritora brasileira Cecília Meireles (1979) destaca que, “o ofício de contar histórias é remoto [...] e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens,

através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida” (MEIRELES, 1979, p. 41).

Sendo assim, o costume de ser ouvinte de histórias desde muito pequeno auxilia no processo de construção de nossa identidade, uma vez que, é através do momento da contação de histórias, que se estabelece uma relação de troca entre o contador e os ouvintes, o que faz com que toda história cultural e afetiva destes volte à tona, levando-os a ser quem são.

Para a Profa. Cleo Busatto (2003), “[...] contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser [...]” (BUSATTO, 2003, p. 10). Já Coelho (2000) afirma que as crenças sobre os deuses relacionadas às religiões são chamadas de mitos, e que estes dizem como um povo acredita e/ou algum dia chegou a acreditar, podendo assim, explicar, por exemplo, a origem do mundo e/ou como as pessoas surgiram, como nasce o arco-íris, o sol, o mar, etc.

Na tradição esotérica asiática acredita-se que as histórias guardam muita sabedoria. Por esse motivo, toda vez que acreditavam que uma pessoa poderia estar “louca”, chamavam um contador de histórias para acalmá-la. Os contos folclóricos também surgem em diversas culturas, podendo ser muito parecidos com os mitos. Eles podem causar medo, contar uma aventura, serem engraçados, etc.

Segundo Scholes e Kellogg (1977), alguns dos contos narram as histórias sobre heróis poderosos e/ou sobre trapaceiros espertos que enganam outros personagens, e/ou ainda contos que falam sobre caipiras, ladrões, fantasmas, bruxas, e até mesmo animais que falam. Ou seja, essas histórias que sempre apresentam elementos como paixão, mistério e aventura estão presentes na coletânea das “Mil e Uma Noites”, na qual a personagem Sherazade “curou” o coração do sultão.

De acordo Bettelheim (2002), as cantigas infantis, parlendas, quadrinhas, contos de fadas, fábulas e algumas brincadeiras com as palavras fazem parte dos contos folclóricos. A fábula nos ensina uma lição sobre o comportamento adequado das pessoas com a utilização de personagens animais que falam e que apresentam comportamentos parecidos como de uma pessoa.

Ainda para Bettelheim (2002), “Os contos de fadas falam sobre seres mágicos como fadas, bruxas, dragões e duendes, entre outras criaturas fantásticas [...]” (BETTELHEIM, 2002, p. 152). Ou seja, um jeito de entreter as crianças com versos curtos é o uso há séculos das parlendas ou dos trava-línguas, proporcionando momentos prazerosos e lúdicos para uma aprendizagem significativa.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – RCNEI (1998), os acalantos e os chamados brincos são as brincadeiras musicais que fazem parte do começo da vida de qualquer criança. Os adultos usam-nos para adormecer bebês e tranquilizar crianças pequenas; para entretê-las e animá-las. Entre os brincos, os adultos usam “Serra, serra, serrador, serra o papo do vovô”, dentre outras variações possíveis de serem encontradas em toda parte do país. Este brinco é cantado enquanto se imita o movimento do serrador.

“Palminhas de guiné, pra quando papai vier...”, “Dedo mindinho, seu vizinho, maior de todos...”, “Upa, upa, cavalinho...” (domínio popular) são exemplos de brincos que, espontaneamente, os adultos realizam junto aos bebês e crianças. O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – RCNEI (1998) ainda ressalta que as parlendas propriamente ditas e as mnemônicas são rimas sem música. Usam-se as parlendas como os seguintes exemplos,

“Rei, capitão, soldado, ladrão, moço bonito do meu coração...”; “Lá em cima do piano tem um copo de veneno, quem bebeu morreu, o azar foi seu...”. Os trava-línguas são parlendas caracterizadas por sua pronúncia difícil: “Num ninho de mafagafos/ Seis mafagafinhos há/ Quem os desmafagafizar/ Bom desmafagafizador será...”, ou “Nem a aranha arranha o jarro, nem o jarro arranha a aranha...” (BRASIL, 1998).

As mnemônicas (conjunto de técnicas utilizadas para auxiliar o processo de memorização) referem-se a conteúdos específicos, destinados a fixar ou ensinar algo como número ou nomes. Um exemplo seria: “Um, dois, feijão com arroz/ Três, quatro, feijão no prato/ Cinco, seis, feijão inglês/ Sete, oito, comer biscoito/ Nove, dez, comer pastéis”, esboços ou improvisações, ou também na forma de jogos lúdicos ou brincadeiras.

De acordo com a professora e escritora Edvânia Braz Teixeira Rodrigues (2005),

[...] A contação de histórias é própria de incentivo para imaginação e o entrelace entre o real e o fictício. Ao pensar em uma história para ser contada, faz-se necessário a tomada de experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real [...] (RODRIGUES, 2005, p. 4).

A contação de histórias está ligada diretamente ao imaginário infantil. O uso dessa ferramenta incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura; muitas coisas acontecem ao usar a contação de histórias como, por exemplo, a ampliação e variação do vocabulário, conjunto de elementos que auxiliará no desenvolvimento das estruturas referentes ao consciente e subconsciente infantil, a diferença que ele fará entre o

espaço íntimo do indivíduo, com o mundo social, resultando na formação de valores, personalidade e crenças.

De acordo com Meireles (1979),

[...] É a Literatura Tradicional a primeira a instalar-se na memória da criança. Ela representa o seu primeiro livro, antes mesmo da alfabetização, e o único, nos grupos sociais carecidos de letras. Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico [...] (MEIRELES, 1979, p. 66).

Durante a contação de histórias transmitem-se conhecimentos, sendo que seu planejamento contribui para a formação e no desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem.

Sendo assim, para o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – RCNEI (1998), as histórias são a maneira mais significativa que a humanidade encontrou para relatar as experiências, uma vez que nas narrativas realistas, isso não acontece. A contação de histórias pertence à área das ciências humanas e também ao campo da educação, sendo uma atividade de comunicação.

Por meio dela, os homens repassam costumes, tradições e valores capazes de estimular a formação do cidadão. Por isso, contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte. Para Busatto (2003), o ato de contar histórias deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um.

Sendo assim, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – RCNEI (1998) relata que a atividade de imaginar possibilita que o ser humano seja capaz de criar uma habilidade de entendimento e compreensão de histórias ficcionais, pois nossa vida apenas é entendida dentro de narrativas. As diferentes histórias transmitem muitas informações que chegam a abranger nossas emoções.

Ainda, conforme o RCNEI (1998), as histórias têm um papel significativo, pois contribuem para o desenvolvimento do senso de justiça social e também de tolerância, proporcionando-nos criar novos rumos à imaginação, podendo ser eles bons ou ruins. Foi necessário fazer uma reformulação na literatura infantil para que a sua função social pudesse estar dentro dos critérios, respeitando as especificidades e necessidades da intencionalidade que a história tem e se transmite para uma criança.

2.3 A importância de ouvir e contar histórias na Educação Infantil

A educação infantil apresenta uma rotina em que geralmente a contação de histórias está presente, uma vez que este tema está proposto no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – RCNEI, elaborado em 1998, pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC. Inúmeros professores ainda não fazem a utilização da contação de histórias em sala de aula, desconhecendo o quanto ela pode contribuir para a formação social e cognitiva do aluno. E os que a usam, utilizam apenas como uma forma de deixar as crianças “calmas”, não vendo as diversas possibilidades de uma história boa.

Segundo a professora e escritora Raquel Villadi (2005), podemos compreender que o principal objetivo em contar uma história é divertir e estimular a imaginação, mas pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, podendo ser o ponto inicial para desenvolver algum conteúdo do currículo, aumentando o interesse pela aula ou permitindo a auto identificação, auxiliando na compreensão de situações adversas e resolvendo conflitos.

Sendo assim, ao longo das contações de histórias acontecem momentos mágicos que mobilizam a todos que fazem parte dessa atividade. Nas narrações, os professores estabelecem com os educandos um clima de envolvimento que os fazem lembrar da época dos primeiros contadores que se reuniam em volta do fogo e contavam para pessoas atentas às diversas histórias, sobre os costumes e valores daquele povo.

Os espectadores não ficam mais em torno da fogueira, e nas escolas, são os professores os contadores de história, sendo o elo entre o aluno e o livro. Em relação a isto, o escritor francês Daniel Pennac (1993) afirma que “[...] o ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor [...]” (PENNAC, 1993, p. 124).

Logo, podemos citar um grande número de possibilidades que a contação de histórias propicia em sala de aula. Servindo para divertir, educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade. A literatura não está recebendo um estímulo adequado.

Sendo assim, para a professora e escritora Maria de Lourdes Sekeff (2007), a contação de histórias possibilita aos que estão ouvindo uma experiência positiva com o universo da leitura, não podendo ser uma tarefa rotineira que transforma a leitura em um instrumento de avaliação, fazendo com que os alunos se afastem do prazer de ler.

Ou seja, a prática da contação de histórias em sala de aula, é uma prática de suma importância para o processo de formação de grandes leitores críticos, não bastando somente

ensinar a ler, mas também ensinar aos alunos a gostarem de ler, e a ler com prazer. Ainda de acordo com Sekeff (2007),

[...] Segundo Ruan Hubert, no primeiro ano de vida os interesses da criança são especificamente orgânico-afetivos; entre um e três anos esses interesses são governados pelo movimento, percepção e linguagem; dos três aos sete anos, lidera o movimento lúdico, o jogo em geral, imagens, ficções e mitos [...] (SEKEFF, 2007, p. 121).

Ao utilizar as diferentes narrações em aula, todos saem ganhando, tanto o aluno, que terá a possibilidade de imaginar e criar, quanto o educador, que fará suas aulas mais produtivas num ambiente mais agradável, alcançando os objetivos pretendidos. Uma vez usando essa estratégia, os alunos ampliarão o contato com os diferentes materiais impressos, expandindo-se o universo cultural e imaginário.

Com as diferentes estratégias, a contação de histórias pode trazer descobertas, intrigar, provocar o riso, fazer pensar, ficar perplexo, encantado, etc. Para se contar uma história, é necessário percorrer um caminho infinito de descobertas e compreensão sobre o mundo.

As narrativas despertam em quem ouve a emoção, imaginação e o gosto pela escrita e pela leitura, uma vez que contar histórias é trazer à tona segredos, envolver o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar pela leitura. Para Abramovich (1997), “[...] a contação de história é fonte inesgotável de prazer, conhecimento e emoção, em que o lúdico e o prazer são eixos condutores no estímulo à leitura e à formação de alunos leitores [...]” (ABRAMOVICH, 1997, p. 35).

Nesse sentido, a professora e escritora Fátima Míguez (2000) discursa destacando que, “[...] a alegria proporcionada pelas histórias deveria ser a principal dimensão da pedagogia, visto que os alunos necessitam de estímulos e motivações para que possam se interessar pelos conteúdos, sendo assim as aprendizagens ficariam mais significativas [...]” (MIGUEZ, 2000, p. 125).

Sabemos que no cotidiano da Educação Infantil as contações de histórias vêm atendendo a diversos propósitos, sendo impossível pensar nessa modalidade da educação básica sem a utilização desta prática. É notório que a contação de histórias é uma atividade praticada cada vez mais na escola, desenvolvida a partir do planejamento do professor, da visita planejada de um contador pela instituição escolar ou pela elaboração de espaços culturais, como feira do livro, bibliotecas, cantinhos de leitura, etc.

O professor, por meio de sua formação, tem contato com diversas possibilidades de integração da literatura em sua rotina. Segundo Abramovich (1997), ao considerar a contação

de histórias como portadora de significados para a prática pedagógica, não se restringe o seu papel somente ao entendimento da linguagem, pois preserva-se seu caráter literário, sua função de despertar a imaginação e sentimentos, assim como suas possibilidades de transcender a palavra.

A ação de contar histórias deve ser utilizada dentro do ambiente educacional, não somente pelo lado lúdico, muitas vezes exercitado em momentos estanques da prática, como a hora da história, mas incluí-la na sala de aula como metodologia que favorece a prática docente, promovendo aprendizagens múltiplas de diversos conhecimentos.

Desta forma, para Miguez (2000), “na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer.” (MIGUEZ, 2000, p. 28). Nesse sentido, evidenciamos que a contação de histórias deve ser usada como mecanismo e metodologia para o desenvolvimento dos alunos e de sua personalidade, melhorando de maneira significativa o desempenho escolar.

Diversos teóricos tais quais: Busatto (2003), Miguez (2000), Bettelheim (2002), entre outros, apresentam em suas narrativas a questão da relevância que existe nos textos literários no período de escolarização. Sendo assim, Bettelheim (2002), afirma que, “[...] é importante e complicado a tarefa de criação das crianças, a qual consiste em ajudá-las a encontrar significado na vida [...]” (BETTELHEIM 2002, p. 11).

Ou seja, em primeiro lugar, Bettelheim (2002) coloca o impacto dos pais nessa tarefa; e, em segundo lugar, cita a herança cultural transmitida de maneira correta, dizendo que “[...] quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação [...]”. Em relação à leitura em si, ele acrescenta que “[...] a aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida [...]” (BETTELHEIM, 2002, p. 12).

Bettelheim (2002) acredita que é estimulando os educandos a criar, imaginar, envolver-se, que se dá um grande passo para o enriquecimento e desenvolvimento da personalidade, por isso é de suma importância à utilização do conto. Acredita-se, também, que a contação de histórias pode interferir positivamente para a aprendizagem significativa, pois o fantasiar e o imaginar antecedem a leitura.

Utiliza-se da leitura, por meio da contação de histórias, como instrumento metodológico para favorecer desenvolvimento dos alunos e melhoria de seu desempenho escolar, respondendo a necessidades afetivas e intelectuais pelo contato com o conteúdo simbólico das leituras trabalhadas.

2.4 A importância da literatura para os estágios psicológicos da criança

De acordo com Coelho (2000), ao longo do processo seu desenvolvimento cognitivo, a criança passa por diversos estágios psicológicos, os quais necessitam serem observados e respeitados, especificamente no momento em que estamos realizando a seleção de livros para elas. A autora ainda afirma que, essas etapas (estágios psicológicos) não dependem exclusivamente de sua idade, e sim de seu nível de amadurecimento psíquico, afetivo e intelectual, como também seu nível de conhecimento e domínio do mecanismo da leitura.

Seguindo essa linha de raciocínio, faz-se necessário a realização de uma adequação com relação aos livros que a criança terá contato, estando atendo às mais diversas etapas pelas quais ela normalmente passa. Coelho (2000), ainda nos afirma que existem cinco categorias que norteiam as fases do desenvolvimento psicológico da criança, que são elas: o pré-leitor, o leitor iniciante, o leitor-em-processo, o leitor fluente e o leitor crítico.

Optamos, neste trabalho, delimitar a análise para a fase do Pré-leitor, por dar conta da faixa etária das turmas da Educação Infantil. Com base no pensamento de Coelho (2000), compreendemos que existe um crescimento gradual das habilidades de leitura da criança, ao qual inicia como pré-leitor até chegar ao último estágio em que ela é considerado um leitor competente. Desta forma, a criança que está e/ou será matriculada na Educação infantil encontra-se no estágio 1, a “Pré-leitura”.

Ainda para a autora, a fase do pré-leitor: é a categoria que abrange as duas fases da infância. Ou seja, a Primeira infância, que é dos 15/17 meses aos 3 anos de idade, onde nesta fase a criança começa a reconhecer o mundo no qual está inserida, com base no contato afetivo e do tato. Por este motivo, é que a criança sente necessidade de pegar ou tocar em tudo o que estiver ao seu alcance.

Outro momento que é essencial para esta fase, é a aquisição da linguagem, onde a criança passará a nomear tudo o que esta em sua volta. E a partir de sua percepção com o meio ao qual está inserida, será possível estimulá-la oferecendo-lhe brinquedos, álbuns, chocalhos musicais, entre outros. Para que assim, ela possa estar realizando o manuseio, como também, chegar a nomeá-los, e com o auxílio de um adulto ela poderá relacioná-los propiciando assim situações simples de leitura.

Ainda sobre essa primeira fase, segundo Costa (2009),

[...] A criança desenvolve capacidades e habilidades que a tornarão apta à aprendizagem da leitura: a construção dos símbolos e o desenvolvimento da linguagem oral e da percepção permitem o estabelecimento de relações entre as

imagens e as palavras. Os interesses voltam-se, nessa fase, para histórias curtas e rimas, em livros com muitas gravuras e pouco texto escrito, que permitem a descoberta do sentido muito mais através da linguagem visual do que da verbal. Paralelamente, estão as histórias mais longas que falam das situações do cotidiano infantil e são lidas ou contadas pelos adultos [...] (COSTA, 2009, p. 101).

Desta forma, a partir da fala de Costa (2009), percebemos que, esta é a fase em que os hábitos passam a serem formados, ou seja, a construção do hábito da leitura abre suas portas para amplas dimensões. Uma vez que, a identidade da literatura, apresentada desde a primeira infância, possibilitará que a criança consiga se desenvolver através das relações entre as imagens, palavras e o imaginário. Contudo, as especificidades que revestem essa fase inicial requerem medidas devidamente elaboradas para que assim, possam estar contribuindo com o desenvolvimento das capacidades das crianças.

Desta forma, compreendemos ainda que ainda é na fase da Pré-leitura que os livros selecionados para as crianças dessa fase necessitam apresentar um conteúdo com predomínio das ilustrações (gravuras, ilustrações, desenhos, etc.), sem texto escrito, ou com breves textos, os quais esses apresentem uma linguagem clara que possam ser contados pelo adulto.

Sendo assim, a professora e escritora Patrícia Corsino (2010) discorre sobre a importância das imagens na leitura, de modo que, para ele,

[...] Ao ler um livro de literatura infantil, é importante observar se o universo de significação é afetado pela imagem, se as imagens ampliam as leituras pelo tratamento estético visual de seu texto visual. A leitura da ilustração faz parte da leitura da obra como um todo e é necessário dar tempo e espaço para as crianças observarem e se afetarem pelo texto visual [...] (CORSINO, 2010, p. 193).

Para Corsino (2010), as imagens são instrumentos atrativos para as crianças. Mesmo que elas não saibam compreender os escritos, as ilustrações permitem que elas explorem através da visualização. Ou seja, além de observar os significados que as imagens podem trazer à leitura, a autora ainda evidencia a importância para a adequação do tema o qual será abordado com as crianças dessa fase.

De tal modo que, se faz necessário, sempre observar a faixa etária das crianças, como também o meio ao qual está inserida, além de seus saberes e experiências. Ainda para Coelho (2000), a Segunda Infância que é a partir dos 2/3 anos aos 6 anos de idade, é o momento ao qual dá-se início a fase egocêntrica.

Desta forma, a criança estará mais adaptada ao meio físico, e aumentará assim sua capacidade, e interesse pela comunicação verbal. Como a criança também possui um grande

interesse pelas atividades lúdicas, o “brincar” com o livro será importante e significativo para ela.

Conforme é exposto por Abramovich (1997), os livros das crianças dessa fase, necessitam apresentar um contexto familiar, com predomínio absoluto da imagem que deve sugerir uma situação. Assim, é recomendável que as imagens não apresentem texto escrito, já que é através da nomeação das coisas que a criança estabelecerá uma relação entre a realidade e o mundo dos livros. Livros que propõem humor, expectativa ou mistério são indicados para o pré-leitor.

Assim sendo, em matéria que foi publicada pela Revista Nova Escola (2009), Elisa Meirelles, afirma que, é nas salas de aula da Educação Infantil, que a literatura não deve e nem pode passar a ser vista com uma “preocupação” de uma disciplina a qual deverá ser ensinada.

Ou seja, essa é uma fase em que é essencial que as crianças se deixem serem levadas pelas histórias que serão contadas, como também, possam manusear as obras, se encantarem com as ilustrações e, a partir de então, possam dar início a descoberta do mundo mágico da leitura e das letras.

Mesmo que ainda elas não saibam ler, é de suma importância desenvolver nas crianças o contato com a literatura. Sendo assim, o trabalho com a literatura infantil deve contar com um (a) professor (a) que seja apto (a) a realizar a seleção de obras que sejam adequadas ao leitor infantil, além de fazer a utilização de recursos metodológicos que sejam eficazes e atrativos para elas.

Uma vez que, o (a) professor (a), é o adulto o qual é responsável pela formação escolar das crianças. Ou seja, esse docente tem um grande papel na mediação entre as crianças e as práticas de leituras literárias. A respeito disso, Corsino (2010) relata que

“[...] a mediação do adulto é o ponto-chave das primeiras leituras. É ele quem organiza o ambiente e quem empresta sua voz ao texto. Seus gestos, entonações, intervenções e até mesmo as traduções alteram a obra e revelam o que e como a criança deve ler [...]” (CORSINO, 2010, p. 186).

Além dos aspectos que foram mencionados pela autora, ressaltamos ainda que, é durante momentos das práticas de leitura, que o professor é o adulto que escuta, considera, medeia, questiona, instiga e provoca o diálogo entre as palavras e as ilustrações, sobretudo que acolhe os pontos de vista de todos os seus alunos.

O (a) professor (a) que trabalha com literatura infantil precisa estar em contínua busca de informações, observando a realidade da comunidade escolar, buscando assim compreender

cada vez mais a relação entre o texto e seus leitores. Um dos fatores que influenciam no gosto da criança pela leitura é o exemplo, desta forma, o exemplo para os futuros leitores literários é o (a) professor (a). Sendo assim, o que ainda percebemos é que infelizmente ainda existe certa “resistência” por parte de alguns professores em adotarem para si o hábito da leitura.

Notamos a grande importância que a literatura exerce para vida das crianças, sejam elas no desenvolvimento emocional ou até mesmo na capacidade de expressar melhor suas ideias, em geral. Sendo assim, em uma matéria que foi publicada pela Revista Nova Escola (2001), a professora e escritora Ana Maria Machado, ressalta que as crianças não gostam de ler e realizam a leitura apenas por obrigação. Mas afinal, por que isso acontece? Talvez seja pela falta de exemplo dos pais ou dos professores, talvez não.

Com base na fala de Machado (2001), percebemos que a literatura, especificamente a literatura infantil, bem como toda a cultura criadora e questionadora, não vem sendo explorada como se deveria nas escolas. Essa é uma situação que ocorre em grande parte, devido ao fato de alguns dos professores possuírem pouca informação com relação ao trabalho com a literatura em sala de aula, como também de suas contribuições para o desenvolvimento das crianças.

Outro aspecto, que a escritora aponta é que a formação acadêmica, desses professores infelizmente não dá ênfase à leitura, e esta é uma situação contraditória, pois segundo comentário de Machado (2001) “[...] não se contrata um instrutor de natação que não sabe nadar, no entanto, as salas de aula brasileiras estão repletas de pessoas que apesar de não ler, tentam ensinar [...]”.

Ou seja, existem dois fatores que contribuem para que a criança desperte o gosto pela leitura, os quais são: a curiosidade e o exemplo. Neste sentido, o livro deveria ter a mesma importância que a televisão tem dentro do lar. Ou seja, tanto os professores quanto os pais deveriam ler mais para as crianças, como também para si próprios.

No entanto, de acordo com os dados apresentado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (2005) apenas 14% da população brasileira tem o hábito de ler, portanto, podemos afirmar que a sociedade brasileira não é leitora.

Assim, cabe à escola a missão de desenvolver na criança o hábito de ler por prazer, e não por obrigação. Neste sentido, o contexto da sala de aula precisa ter relação direta com as necessidades destas crianças, que estão ali diariamente construindo conhecimentos e ao mesmo tempo construindo e reconstruindo costumes, hábitos e prazeres.

Assim, propor atividades de contato com a Literatura Infantil, através da contação de histórias e trabalhá-las de forma que instigue e conquiste o aluno em relação a esse mundo vem de encontro com a importância deste tipo de trabalho nas instituições escolares de Educação Infantil, como um dos recursos de incentivar o trabalho com literatura infantil, além de outros tantos caminhos que se abrem com a realização desse trabalho literário.

3 METODOLOGIA

Para a elaboração de nossa monografia utilizamos como procedimento metodológico à pesquisa bibliográfica, que conforme é apresentado pelas autoras Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (1987),

[...] a pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado em livros, enciclopédias, revistas, jornais, folhetos, boletins, monografias, teses, dissertações e material cartográfico. Pretende-se, assim, colocar o pesquisador em contato direto com todo material (fontes) já escrito sobre o mesmo. (LAKATOS; MARCONI, 1987, p. 66).

Para a construção deste artigo, visando alcançar os objetivos da pesquisa, utilizaremos a pesquisa qualitativa, que por ser ampla, permite o uso de variadas estratégias e métodos para a sua realização. Conforme apresentado por Sandín Esteban (2010, p. 127),

A pesquisa qualitativa é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos.

Para tanto, esse tipo de pesquisa requer estudos bem elaborados, organizados, e observações detalhadas sobre as informações ocorridas. Partindo dessa linha de raciocínio, para a realização de nossa pesquisa, utilizamos em nosso aporte teórico, os seguintes autores: Fanny Abramovich (1997), Marly Amarilha (1997), Regina Zilberman (1998), Nelly Novaes Coelho (2000), Bruno Bettelheim (2002), entre outros, além do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), visando promover uma maior reflexão acerca da temática a qual está sendo proposta.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base no que já expomos até o momento, a arte de contar histórias é um dos recursos que o docente pode e deve utilizar para promover estímulos com relação ao incentivo à leitura de seus alunos, podemos então dizer que: sentir, sonhar e imaginar, são contribuições essenciais esse processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a prática da contação de histórias na Educação Infantil, promove as crianças o desenvolvimento das operações mentais, as quais são auxiliares para a construção dos significados das palavras ouvidas, para que assim incorporadas ao contexto da história, possam, além de enriquecer o seu vocabulário, possam contribuir no desenvolvimento da leitura e da escrita.

De acordo com a professora e escritora Maria Alice Faria (2010), existe três níveis de leitura. De modo que, o Primeiro nível é o tato, ou seja, o prazer de tocar o livro com o papel agradável, com ilustrações, figuras e planejamento gráfico caprichado. O Segundo nível é o emocional, que é aquele ao qual a fantasia e a liberdade das emoções apresentam o que ele faz e o que provoca em nos, por último o nível racional ao qual está ligado para autora, ao plano intelectual da leitura.

Nesse sentido, compreendemos que as contribuições de uma contação de histórias para as crianças são específicas, como também muito importantes, pois auxiliam o processo de formação, compreensão e absorção dos significados, assim como o desenvolvimento das práticas leitoras. Desta forma, as crianças que escutam as histórias incorporam uma atitude analítica exemplificada pelo professor contador, por meio de seus comentários e problematizações realizadas ao longo do ato da contação, permitindo assim, que ocorra o desenvolvimento do senso crítico desses alunos.

Desta forma, para Faria (2010),

[...] o texto literário é polissêmico, pois sua leitura provoca no leitor reações diversas, que vão do prazer emocional ao intelectual. Além de simplesmente fornecer informação sobre diferentes temas - históricos, sociais, existenciais e éticos, por exemplo, eles também oferecem vários outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver situações existenciais, entrar em contato com novas ideias etc [...]. (FARIA, 2010, p. 12).

Sobretudo por essas razões é que o trabalho com o texto literário, especificamente, com a contação de história, uma vez que se caracteriza como um dos instrumentos importantes para que o professor possa propiciar momentos reais de atividades em sala de aula, gerando motivação e necessidade de ler nas crianças, desde muito pequenas.

Sendo assim, o recurso da contação de história atua na formação da criança em vários aspectos, contribuindo assim para o desenvolvimento intelectual das crianças, despertando assim o interesse pela leitura, e conseqüentemente instigando assim a imaginação por meio da construção de imagens no mundo da real e o ficcional, atuando também no desenvolvimento comunicativo.

Neste sentido, a partir do incentivo à oralidade possibilitará as crianças realizarem diálogos com seus colegas, desenvolvendo, além disso, a interação sociocultural da criança ao proporcionar essas interações entre os alunos, a criação de laços sociais e formação de gosto pela literatura e artes. Ainda para Faria (2010),

[...] Um trabalho minucioso com crianças, apontando ou levando-as a descobrir esses elementos técnicos que fazem progredir a ação ou que explicam espaço, tempo, características das personagens etc. aprofundará a leitura da imagem e da narrativa e estará, ao mesmo tempo, desenvolvendo a capacidade de observação, análise, comparação, classificação, levantamento de hipóteses, síntese e raciocínio. (FARIA, 2010, p. 59).

Assim, a partir das peculiaridades existentes na literatura infantil, a autora ainda aponta para o fato de que a literatura infantil é um gênero literário destinado para o público infantil, e atualmente conta com os mais diversos recursos, como diferentes suportes de texto, ilustrações cada vez mais ricas, grande variedade de histórias e temas, entre outros diversos fatores, os quais podem auxiliar o professor em sua complexa tarefa que é formar crianças leitoras.

Compreendemos que a contação de história, não é uma prática a qual vem sendo muito estimulada e até mesmo valorizada por alguns docentes. E esta falta de interesse, confirma que infelizmente ainda hoje alguns docentes veem esse recurso como uma atividade sem significados, o que acaba levando as crianças a crescerem com essa desvalorização dos contos, e conseqüentemente do gosto pelos livros e leitura.

Sendo assim, a professa e escrita Marly Amarilha (1997) argumenta sobre a importância da literatura para a formação cognitiva, linguística, comunicativa e psicológica da criança. Afirmando assim, que existe uma necessidade da implementação de práticas pedagógicas as quais sejam prazerosas e regulares, como por exemplo, contar e ler textos da literatura infantil, para que assim possa garantir que venha a existir uma relação escolar bem-sucedida, visto que a leitura é uma ferramenta instrumental na cultura brasileira.

Ou seja, é essencial que, antes da realização de uma atualização da prática docente, exista uma revisão com relação ao acervo teórico o qual nos embasa, como também o nosso próprio entendimento de leitura e de mundo, proporcionando assim um espaço para o

conhecimento experiente de como a literatura infantil pode ser viabilizada no mundo escolar dentro de uma perspectiva lúdica e prazerosa.

Desta forma, antes da realização de uma prática de contação de história, se faz necessário que ocorra um planejamento da ação, como também um momento de preparação ao qual irá preparar a criança para poder adentrar no mundo da imaginação para que assim o leitor-ouvinte sinta-se convidado a conhecer segredos e revelações, momento de inteira confiança.

A arte de contar histórias é umas das estratégias pedagógicas que podem contribuir de maneira significativa para uma prática docente lúdica e prazerosa na educação infantil. Para a escritora e professora Joana Cavalcanti (2002),

[...] Contar história é algo que caminha do simples para o complexo e que implica estabelecer vínculos e confiança com os ouvintes. Contar história é confirmar um compromisso que vem de longe e por isso, atividades relacionadas às contações de história devem ser desenvolvidas com muito critério [...] (CAVALCANTI, 2002, p. 83).

Assim sendo, na contemporaneidade com a presença da tecnologia, as crianças cada vez mais cedo passa a terem contato com essa tecnologia, o que torna cada vez mais difícil conseguir obter a atenção da criança para os momentos de contação de histórias. Por isso, é essencial que o docente estimule seus alunos a terem o contato com essa prática, pois o momento de uma contação de história provoca uma expectativa de mistério e sedução e nesse período se concretiza toda felicidade da criança, ela entra no mundo da ficção para poder lidar com o fator real e imaginário.

De acordo com Amarilha (1997), existem pesquisas realizadas com crianças de até oito anos de idade as quais comprovam a eficiência do trabalho com os contos infantis na promoção de sucesso das crianças no campo da autoestima, identidade cultural, independência e da capacidade de lidar com o mundo a sua volta. Para tanto, a autora ainda afirma que,

[...] A linguagem e os enredos literários proporcionam à criança possibilidade de sucesso em duas dimensões. Uma, que é a subjetiva, a criança pode viver no livro aquilo que mais lhe atrai, sem receio de ser assistida, principalmente, por um adulto e pode lidar com seus problemas em tempos e espaços que são todos seus; por outro lado, mantém-se relacionada ao real, ela tem consciência de que não deixa de ser leitor. Essa duplicidade de atividade intelectual familiariza a criança com o simbólico e com suas possibilidades intelectuais dando-lhe, portanto, auto-estima e identidade psicológica e social. (AMARILHA, 1997, p. 55).

Logo, a partir do momento em que as crianças passam a ter contato com a literatura infantil, especificamente, com a contação de história elas passam a se familiarizar com uma

forma linguística mais elaborada, pois, essa relação com a linguagem deve ser uma meta pedagógica maior principalmente na educação infantil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, discorremos sobre a importância da contação de história para a Educação Infantil, como também sobre a sua contribuição para o desenvolvimento dos aspectos social e cognitivo, reforçando assim as intenções educativas e de aprendizagem da criança. Sendo assim, o ato de ouvir e contar histórias são atividades que dentre outras, podem sim contribuir para o desenvolvimento do emocional da criança, como também ajudá-la a se organizar e socializar, além de auxiliá-la no processo de alfabetização.

Assim, a arte de contar histórias passa a ser considerada um instrumento pedagógico prazeroso e de grande auxílio no processo de construção da aprendizagem da criança. Através de nosso trabalho comprovamos que a contação de histórias quando é realizada no espaço escolar de maneira planejada, pode sim se tornar uma das fórmulas para estimular e incentivar a formação de futuros leitores desde pequenos.

Ou seja, a contação de histórias é um recurso necessário e imprescindível para o processo de desenvolvimento da criança, auxiliando-a na formação humana e, por isso deve ser valorizada e desenvolvida no meio escolar a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a memória, a expressividade, o gosto pela leitura, além de contribuir no processo de aprendizagem e socialização da criança.

Sendo assim, a leitura, a contação de histórias e as conversas com as crianças na primeira infância são essenciais para a formação do sujeito, como também para o desenvolvimento da fala, uma vez que possibilitam a ampliação e o enriquecimento do vocabulário das crianças. Logo, quando mais o professor levar e proporcionar momentos de interação entre as crianças e a literatura (livros) em sala de aula, fará com que as crianças se sentiam cada vez mais estimuladas a desenvolverem o hábito e gosto pelos livros e pela leitura.

Estabelecendo a relação entre os dados apresentados, observamos e compreendemos a importância que o recurso da contação de histórias na escola, se dá pelo fato de que essa prática contribui para o desenvolvimento da motricidade, do raciocínio, do fortalecimento da autoestima, além da função lúdica. Tendo em vista sua relevância a contação de histórias na escola requer estudos sobre suas contribuições na prática educativa do docente em sala de aula.

Compreendemos que mais do que nunca, nossa educação precisa formar pessoas (cidadãos) sensíveis e não apenas técnicos aptos a serem mãos de obra para o sistema. O

processo de contação de histórias tem como começo na família, a e se amplia através de nossas relações com outras experiências e vivências.

Assim, o diálogo é um exercício diário para desenvolvimento da inteligência e da argumentação e da socialização, mas o maior propósito da contação de histórias está na capacidade de criar nos ouvintes o benefício de perceberem que são os protagonistas de suas vidas e não elementos sem significados.

Logo, concluímos que o estudo aqui apresentado é um recurso valioso na formação dos acadêmicos, especialmente por proporcionar aos sujeitos envolvidos a possibilidade de ampliar seus conhecimentos na área, além de levá-los a refletir sobre a prática vivenciada. Sendo assim, percebemos que essa prática da contação de histórias na sala de aula, quando é bem trabalhada e previamente planejada, levando em conta todos os aspectos para uma boa contação, poderá contribuir de forma significativa e produtiva para a formação e desenvolvimento do hábito de leitura nas crianças, tornando assim a criança a ser mais predisposta a sentir-se criativa e capaz de superar seus próprios obstáculos na escrita.

Ou seja, é fundamental que o educador estude, e se prepare com antecedência quando for fazer o uso das histórias infantis em sua aula. Ao usar o livro é preciso segura-lo na altura dos olhos das crianças e além deste recurso poderá usar outros que já foram mencionados antes. Em relação às técnicas de como contar histórias as instituições de ensino poderiam promover capacitações. Possibilitando aos educadores assim uma reflexão acerca dos conceitos, e recursos e das técnicas diversas de formação para contadores. Além disso, o próprio docente pode buscar esse aprimoramento de maneira independente. Constatamos, ainda, que a prática do docente de inovar suas aulas, buscando meios que facilitem o ensino aprendizagem, é cada vez mais conveniente ao fazer pedagógico.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Petrópolis, RJ: Vozes. Natal: EDUFERN, 1997.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUSATTO, Cléo. **Contar & encantar: pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juventude: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORSINO, Patrícia. Literatura na Educação Infantil: possibilidades e ampliações. *In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). Literatura: Ensino Fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Cap. 10, p. 183-204. (Coleção Explorando o Ensino, v. 20).
- COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do Ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Pesquisa. *In: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Técnica de pesquisa*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1996. p. 15-123.
- MACHADO, Ana Maria. **Entrevista com Ana Maria Machado**. Revista Nova Escola. São Paulo, Set/2001. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/955/entrevista-com-ana-maria-machado>>. Acesso em 01 set 2019.
- MEIRELLES, Elisa. **Literatura na Educação infantil: para começar, muitos livros**. Revista Nova Escola. ed. 234. Ago/2010. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/literatura-educacao-infantil-comecar-muitos-livros->

[584120.shtml?query=literatura%20educacao%20infantil%20comecar%20muitos%20livros%20584120.shtml](#)>. Acesso em 01 set 2019.

MIGUEZ, Fátima. **Somos todos leitores**. Curitiba: Pró-Infantil, 2000.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia: Gwaya, 2005.

SCHOLES, Robert; KELLOGG, Robert. **A natureza da narrativa**. São Paulo: MCGRawHill do Brasil, 1977.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música: seus usos e recursos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. *In: Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p 25-32, jan./jun. 2008.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.